

EPISÓDIO 4

Uma nova casa para a música

[a trilha inicia com *O Trenzinho do Caipira*, de Villa-Lobos]

SANDRA ANNENBERG:

Hoje nós vamos voltar no tempo. Para a década de 1920, quando São Paulo crescia e enriquecia com a produção e exportação do café. Para simbolizar essa prosperidade, foi encomendada a construção de um prédio com inspiração francesa, bem imponente, que seria a sede da Estrada de Ferro Sorocabana, que levava o café do interior de São Paulo até o Porto de Santos.

Também nessa época, um dos maiores compositores de música clássica do Brasil, Heitor Villa Lobos, compunha essa música que nós estamos ouvindo, *O Trenzinho do Caipira*.

[continua a trilha de *O Trenzinho do Caipira*]

JORGE DE ALMEIDA:

Olha, o Villa Lobos é um compositor e um personagem fundamental para a história não apenas da música brasileira, mas da cultura brasileira.

SANDRA ANNENBERG:

Esse é o professor e pesquisador Jorge de Almeida.

JORGE DE ALMEIDA:

Porque ele encarnou um princípio Modernista importantíssimo, que era da descoberta e o estudo de uma possível identidade brasileira construída pela cultura. Villa-Lobos, já com a sua experiência em Paris, percebeu que boa parte da música popular brasileira que era conhecida dele, porque ele era também um “chorão”, ele participava de grupos de choro nas ruas do Rio de Janeiro... Então ele percebeu semelhanças entre a estrutura musical do choro, ritmicamente, polifonicamente, e também a estrutura do pensamento musical de Bach.

Aproximou isso, juntou com o material brasileiro, canções, danças e criou essa série de Bachianas que é presente no repertório de todo o mundo. É uma obra muito representativa do que há de melhor na música brasileira.

O Trenzinho [do] Caipira é o último movimento da Segunda Bachiana, composta em 1930. Então nós ouvimos na obra, desde o início, o motor da Maria Fumaça sendo alimentado e funcionando até o seu caminhar pelos trilhos de São Paulo e a sua chegada triunfal à grande estação na capital.

[continua a trilha de *O Trenzinho do Caipira*]

SANDRA ANNENBERG:

Essa grande estação da capital da qual a gente vai falar hoje é a Sorocabana, que anos depois, foi redescoberta por um engenheiro acústico norte-americano, que ajudou a transformá-la em uma das melhores salas de concerto do mundo.

[abre a vinheta]

SANDRA ANNENBERG:

Bem-vindas e bem-vindos ao quarto episódio de “Aqui a música toca”, a série que comemora os 70 anos da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a Osesp. Eu sou a Sandra Annenberg e hoje você vai ouvir como um jardim abandonado, com palmeiras e tudo, chamou a atenção da equipe de engenheiros. Eu vou te contar os detalhes da reforma, os desafios e algumas das soluções mirabolantes colocadas em prática para que nenhum ruído dos trens vazasse para dentro da sala.

[fecha a vinheta]

[ouve-se a voz original do personagem ao fundo, encoberta por uma tradução simultânea]

[TRADUÇÃO] CHRIS BLAIR:

O John não estava muito confiante, mas ele disse:

“Chris, se eu for, você vai comigo pra tentar achar um lugar apropriado?”

SANDRA ANNENBERG:

Esse é Chris Blair, engenheiro acústico norte-americano, que recebeu o desafio do então futuro regente da Osesp, John Neschling, de achar um lugar apropriado para a orquestra tocar.

[Sinfonia nº 4, de Beethoven, soa ao fundo enquanto ele cita detalhes da obra]

[TRADUÇÃO] CHRIS BLAIR:

Naquela época a Osesp estava tocando no Memorial da América Latina. Eu disse: “tá bom, eu vou lá escutar...”. Então eu pedi para eles tocarem o primeiro movimento da Quarta Sinfonia, de Beethoven, porque ela começa com um acorde e, depois,

um “Bheem Bheem Bheem Bheem”...que é bem sutil...e nem dava para ouvir por causa do ar-condicionado...

SANDRA ANNENBERG:

É... não era bom mesmo! Muito menos para uma orquestra que mirava alto como era a Osesp nos anos 90.

[TRADUÇÃO] CHRIS BLAIR:

Aí nós fomos até o Sérgio Cardoso, mas era uma sala estreita, não era boa para uma orquestra grande. Então a gente visitou o Theatro São Pedro, que estava em reforma, um teatro que o Mendonça gostava, mas não era uma sala para uma grande orquestra.

SANDRA ANNENBERG:

Este ‘Mendonça’ que o Chris está falando é o então Secretário de Cultura do Estado de São Paulo, Marcos Mendonça, o responsável pela reestruturação da Osesp.

E esta aqui....

[trilha com a introdução de *Sinfonia nº 2 - Ressureição, de Mahler*]

SANDRA ANNENBERG:

... é a *Segunda Sinfonia* do compositor Gustav Mahler. Já já você vai descobrir, porque ela é a trilha dessa saga que foi a busca por um espaço para Osesp:

[TRADUÇÃO] CHRIS BLAIR:

Então a gente voltou para o escritório do Marcos Mendonça. E o Neschling estava meio descrente, meio desconfiado, já que eles ainda estavam negociando a vinda dele... Aí o Mario Garcia, amigo do governador que também estava na sala, disse:

“Bom, tem mais uma opção, uma estação de trem aqui perto, talvez a gente possa adaptar algo lá”. O Neschling não ficou muito empolgado, achou a ideia meio doida”.

SANDRA ANNENBERG:

Mas o Chris achou que valia a pena tentar e, quando chegaram lá ele conseguiu enxergar, em um jardim interno, o futuro da Osesp!

[TRADUÇÃO] CHRIS BLAIR:

Eu fiquei chocada em como as proporções do jardim eram parecidas com as de salas como a Musikverein de Viena e a Sala da Sinfônica de Boston.

SANDRA ANNENBERG:

As medidas dessas salas super tradicionais da música clássica são bem específicas. No mundo da acústica, essa proporção é chamada de “caixa de sapato” e, se você nunca visitou a Sala São Paulo, é exatamente esse o formato dela.

[TRADUÇÃO] CHRIS BLAIR:

Quando eu voltei mais uma vez para o escritório do Mendonça, o John estava lá, com aquela cara de desconfiado. Ele virou para mim e perguntou:

“E aí, como foi?... E eu disse:

“John... oh, wow!”. E ele se animou na hora:

“Como assim, wow?”. Aí eu disse:

“Nesse lugar a gente pode fazer uma das melhores salas de concerto do mundo!”. Aí sim ele ficou empolgado de vez. Aí o Marcos Mendonça entra na sala e pergunta:

“E aí, acharam algo?”. E o John responde:

“O Chris disse que a gente pode fazer uma bela sala na estação!”. Agora é o Mendonça que se empolga.... E, no dia seguinte, a gente conseguiu o dinheiro para a sala.

[continua a trilha com a *Sinfonia nº 2 - Ressureição*, de Mahler]

SANDRA ANNENBERG:

E o resto é história! John Neschling fecha seu contrato com a Osesp e uma seleção é feita para decidir quem seriam os arquitetos da nova sala. Mas, antes de entrar nesses detalhes, é importante lembrar que o desejo de uma orquestra em ter uma casa de concertos própria vai muito além de vaidade ou preciosismo.

JORGE DE ALMEIDA:

É importante porque o conjunto enorme de instrumentos e instrumentistas, sob a direção artística de um maestro, ele deve buscar um som próprio, ressaltar os seus pontos fortes melhorar os seus pontos fracos. E isso exige uma quantidade enorme de ensaios e experimentos, de posicionamento, modo de tocar determinados instrumentos, um balanço e equilíbrio adequado da sonoridade, dos timbres, da intensidade de cada um dos naipes. Então, com uma casa própria, você tem toda essa experiência acumulada.

SANDRA ANNENBERG:

E com o sonho da casa própria quase realizado, chega o momento de achar os melhores profissionais para transformar a antiga estação de trem em uma nova casa para a música. E o projeto escolhido foi o do arquiteto Nelson Dupré, que conversou com a gente no palco da sala projetada por ele.

NELSON DUPRÉ:

Além de atender as necessidades acústicas, nós tínhamos que atender as necessidades de preservação do patrimônio edificado, uma vez que esse prédio é um prédio tombado pelo Patrimônio Histórico pelas suas características. É um prédio de grande qualidade arquitetônica dentro da escola de Belas Artes. Em 1929, com a quebra da bolsa de Nova York, a linha férrea que era transportadora de *commodities*, inicialmente de algodão e posteriormente de café, ela quebrou. São Paulo, a província, era fiadora da obra e acabou herdando a massa falida da estrada Sorocabana. Então esse prédio foi feito pela metade, mas a parte que tinha sido feita, tinha sido muito bem-feita, e as características da arquitetura eram muito boas, então valia a pena preservar e valia a pena inclusive tomar aquilo que tinha sido feito até então.

SANDRA ANNENBERG:

Foi esse cuidado de manter visível e preservada a arquitetura original da estação que deu origem à Sala São Paulo. Quem for lá visitar consegue ver as colunas monumentais dos anos 1920 lado a lado com a marcenaria moderna. Mas talvez o mais impressionante da Sala, além da música que a gente ouve lá dentro, claro, são os sons que nós não ouvimos.

NELSON DUPRÉ:

Aqui no caso, nós tínhamos a presença da linha férrea produzindo sons a partir do solo com a vibração da passagem dos trens, mas temos também os sons laterais. E, além disso, nós também temos os sons que vêm de cima. Nós temos sons que são os sons de trovoadas, sons de fogos, sons de aviões, de helicópteros, esses sons também teriam que ser mitigados ou teriam que ser eliminados, na verdade, se a gente quisesse produzir uma sala de concertos nesse espaço.

[barulhos de trem e outros ruídos ao fundo]

SANDRA ANNENBERG:

Olha, criar uma sala de concertos no centro de uma das cidades mais barulhentas do mundo não é brincadeira não...

Mas as soluções estavam à altura do desafio!

NELSON DUPRÉ:

Aqui, o que nós fizemos foi, sobre o solo bem apiloado, bem socado, foi construído uma laje de concreto de 20 cm de espessura. Sobre ela, foram colocados amortecedores de Neoprene de 8 cm de altura e 10 cm de diâmetro com anéis concêntricos. E, sobre esse conjunto, separado, isolado de amortecedores a cada 90 centímetros foi executada uma nova laje de concreto de 20 cm de espessura também e sobre essa laje de concreto um piso de 7.5 cm flutuante para evitar que qualquer ruído pudesse passar para cá, porque esse conjunto todo, ele vibra no sentido contrário daquele que as ondas sonoras percolam o solo, de forma a eliminar essa transmissão aqui para dentro.

SANDRA ANNENBERG:

Demais, né? E apesar de nada disso ser visível, quem vai à Sala São Paulo percebe que nela não entra nenhum som que não seja o da música.

[continua a trilha com a *Sinfonia nº 2 - Ressureição*, de Mahler]

SANDRA ANNENBERG:

Depois de dois anos de obras e altas expectativas, a Sala São Paulo estava pronta para a estreia, que aconteceu no dia 9 de julho de 1999.

[barulho de TV ligando]

REPORTAGEM TV CULTURA:

Boa noite, o Brasil ganha hoje uma das mais modernas salas de concerto do mundo. O concerto terá regência de John Neschling e começa pelo hino nacional brasileiro. Em seguida, com a participação do Coral Sinfônico do Estado e do Coral Lírico Municipal, a Oseps, como é conhecida a orquestra, vai apresentar a *Segunda Sinfonia* de Gustav Mahler.

[barulho de TV desligando]

SANDRA ANNENBERG:

Pois é, a Sala São Paulo abriu as portas ao som da *Segunda Sinfonia* de Mahler, aquela que a gente ouviu no começo do episódio. E sabe qual é o outro nome pelo qual essa sinfonia é conhecida? *A Ressurreição!* Tudo a ver, né?

[continua a trilha com a *Sinfonia nº 2 - Ressureição*, de Mahler]

SANDRA ANNENBERG:

E as coincidências entre a Sala São Paulo e a sinfonia escolhida para sua inauguração não acabam por aí não. A personalidade do compositor Gustav Mahler também revela algo sobre o local onde a Sala foi erguida, como explica a jornalista Camila Fresca.

CAMILA FRESCA:

Dizem que ele era um cara meio atormentado... tem o encontro dele com Freud... Teve um único encontro, não sei se se pode chamar isso de uma sessão né de psicanálise? Mas o Freud depois escreve para um amigo falando que ele é um homem com sérios problemas e ele até detecta que o problema do Mahler está ali num trauma de infância que ele sofreu, né?

O pai agredir a mãe, né? Um dia disse que ele, menino, estava em casa e ele viu o pai batendo na mãe, agredindo a mãe, e ele sai correndo de casa chorando, sofrendo, e quando ele desce tem um realejo tocando uma canção popular bonita que ele adora.

[som de um realejo ao fundo]

Então, Freud vai dizer que ele ficou com esse trauma para o resto da vida. Então por isso que nas *Sinfonias* dele, na obra dele sempre um momento de calma, um momento lírico, de beleza, e de repente, sabe, a gente toma um susto, vem ali um drama, uma coisa sofrida. Isso advém de traumas que ele adquiriu ao longo da vida.

SANDRA ANNENBERG:

Esse paradoxo entre beleza e sofrimento cai como uma luva para a relação entre a Sala São Paulo - uma joia da arquitetura e da modernidade - e o seu entorno, o empobrecido centro da cidade. Uma reportagem ao vivo, minutos antes do concerto de inauguração da sala começou já pontuava essa tensão:

[barulho de TV ligando]

REPORTAGEM TV CULTURA:

No programa está a *Sinfonia n.º 2* de Mahler, sinfonia n.2 em dó menor, essa sinfonia é também conhecida como a 'Ressurreição'. É a ressurreição da Osesp, é a ressurreição do bairro, é a ressurreição também aqui da Estação Júlio Prestes.

[barulho de TV desligando]

SANDRA ANNENBERG:

O concerto de abertura foi um sucesso e, com ele, começou uma fase gloriosa para a orquestra: reconhecimento internacional, prêmios, turnês... Bom, isso sem falar na casa nova, né? E, voltando a ela, uma das soluções acústicas mais famosas do projeto da Sala São Paulo é o seu teto móvel. São 15 painéis que podem subir ou descer, de forma independente, para que a reverberação do som da sala seja ajustada. Quem explica para a gente é José Nepomuceno, que trabalhou ao lado do Chris Blair no desenho acústico da sala.

JOSÉ NEPOMUCENO:

O fato de a gente poder variar a sala na sua totalidade do volume é absolutamente genial, né? Quer dizer, se esse forro está mais ou menos a 14 metros, eu tenho o mesmo volume de ar em baixo e em cima, isso é notável.

[ouvimos o teto subindo, e, na medida em que sobe, a reverberação da voz do entrevistado aumenta]

JOSÉ NEPOMUCENO:

Quanto mais você coloca esse teto para cima, mais tempo o som fica andando dentro da sala, que é tecnicamente chamado tempo de reverberação. Então mais tempo esse som fica caminhando...

E, quando você baixa, você diminui o tempo que esse som está caminhando dentro da sala. De forma bem leiga, é isso.

[ouvimos o barulho do teto que começa a descer, diminuindo a reverberação da voz]

SANDRA ANNENBERG:

O teto móvel faz com que a gente não tenha uma Sala São Paulo, mas sim várias: ela pode tomar a forma de uma catedral, com um pé direito altíssimo ou de um salão, com o teto mais baixo. E como cada obra, cada gênero da música é pensado para ser tocado e ouvido em um espaço específico, a Sala São Paulo é ideal para todos eles.

[ouve-se um efeito diferente na voz de Sandra Annenberg a cada configuração diferente do teto da Sala São Paulo]

SANDRA ANNENBERG:

Atualmente, o uso do teto móvel está sendo repensado, e novos ajustes estão sendo feitos para o som da sala evoluir junto com a orquestra. Quem conta mais sobre isso é o especialista em acústica contratado para essa missão, o nipo-canadense Tateo Nakajima, que também conversou com a gente do palco da Sala São Paulo:

[ouve-se a voz original do personagem ao fundo, encoberta por uma tradução simultânea]

[TRADUÇÃO] TATEO NAKAJIMA:

A gente está olhando para a sala com novos olhos. O que nós temos feito é aplicar esse conhecimento que a gente adquiriu trabalhando com espaços acústicos complexos para usar melhor as qualidades dessa sala. Nós estamos usando o espaço superior da Sala de um jeito diferente... Agora, todo mundo vai poder ver essas lindas colunas, esse ambiente histórico, essa beleza que é ter uma sala de concertos criada dentro de uma estação de trem, que funciona até hoje. As expectativas, tanto da audiência quanto dos artistas, continuam subindo. A Orquestra está melhor do que nunca, o público cada vez conhece mais. É justo que a gente continue aprimorando as formas de usar essa verdadeira riqueza da cidade.

[aplausos finais e passagem para o burburinho da sala do Coro Infantil da Osesp]

SANDRA ANNENBERG:

Até aqui, a gente falou da história e de algumas das conquistas da orquestra, como a Sala São Paulo, mas a Osesp é muito mais. No próximo episódio a gente vai conhecer a Osesp além da orquestra. São projetos como os 4 corais, uma Editora, Festivais e Academia de Música, que também têm histórias incríveis!

ERIKA MUNIZ:

Eu acho que a função do coro infantil é a gente fazer música de uma forma gostosa, de uma forma lúdica, da gente aprender a sociabilizar, aprender a ouvir.. uma sociedade que a gente saiu de uma pandemia, tem um monte de criança ali que passou mais vida trancada dentro de casa do que na rua, então agora que a gente tá aprendendo a sociabilizar, olhar para o lado dividir o lanche, implicar com colega...

[trilha do Coro Infantil da Osesp cantando]

KATIA (MÃE DO DAVI):

Eu vim com receio. Ah, poxa, meu filho deficiente visual as pessoas têm medo de se aproximar. E não sabe como lidar com ele...

DAVI:

Ah, uma coisa que me dá orgulho é cantar. Cantar sempre e as amizades também.

SANDRA ANNENBERG:

Vem comigo que você vai se emocionar e descobrir que a Osesp é mais do que uma orquestra, ela é um tema, com muitas variações. Até mais!

[Entram créditos finais]

| o

| s

| e

| s

| p

Esse episódio teve áudios da Osesp e da TV Cultura.

No portal de conteúdo do site **osesp.art.br** você encontra mais sobre este capítulo da história da Orquestra.

“Aqui a música toca” é uma produção Ser Sonoro, com realização da Fundação Osesp e do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas.